

# **BIXIGA (SP) EM DISPUTA: as potencialidades antropológicas diante de um território tombado e sob ataque<sup>1</sup>**

**Luís Michel Françaço (USP/SP)**

**Palavras-chave:** Antropologia Urbana. Ativismo. Patrimônio Cultural.

*“O Bixiga<sup>2</sup> é um bairro cercado de Bela Vista<sup>3</sup>”,  
frase de morador em reunião comunitária*

Este artigo apresenta reflexões, a partir de uma pesquisa em andamento, em que se realiza um *registro etnográfico* de território da cidade de São Paulo, conhecido como *Bixiga*, que mesmo sob proteção de legislação de tombamento tem seus bens e o modo de vida da comunidade ameaçados pela especulação imobiliária.

Na primeira parte do texto, se explora as características que estruturam o Bixiga como território no qual florescem diversos arranjos comunitários. Explora-se ainda o papel dos rios, do relevo sinuoso e da vegetação nativa na construção de estratégias muito distintas de ocupação urbana, em particular, no campo da moradia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

<sup>2</sup> O nome do bairro é tema controverso, acredita-se que o nome originalmente estava vinculado ao sobrenome do proprietário de fazenda ou hospedaria Antonio Bexiga. Durante os séculos XVIII e XIX, o bairro recebia escravizados com suspeita de varíola que eram postos em quarentena, a região era uma espécie de retiro sanitário da cidade, dada sua posição periférica em relação ao centro urbano localizado na região da Sé. Após a chegada de imigrantes italianos na região, no final do XIX e início do século XX, uma apropriação linguística o torna BIXIGA, provavelmente, buscando desaproximar o nome da doença. Por fim, a Prefeitura Municipal de São Paulo no contexto de loteamento da região declara oficialmente o local pela denominação de BELA VISTA, através do decreto municipal de dezembro de 1910. Majoritariamente, os moradores do bairro recusam a denominação BELA VISTA e o denominam de BIXIGA.

<sup>3</sup> Importante ressaltar que os termos Bixiga/Bela Vista também podem expressar a oposição baixo/alto ou casas térreas/edifícios (SILVA, Adriana; HIKIJI, Rose, 2014), onde a chamada Bela Vista só é possível das janelas dos prédios que expressam o modelo de urbanização da Avenida Paulista e do centro de SP que circunda e/ou tenciona invadir o território do Bixiga.

Na segunda parte do texto é apresentado um breve relato de campo, buscando demonstrar como o registro etnográfico tem sido realizado a partir das interações entre comunidade e antropólogo. O já referido registro etnográfico se traduz aqui num esforço em compor um quadro descritivo da paisagem atual do bairro, das principais transformações pelas quais vêm passando, dos efeitos que essas transformações provocam e das táticas e estratégias de resistência mobilizadas por seus moradores a partir de sua trama de organizações comunitárias.

Por fim, em sua última parte, o texto convida o leitor a refletir sobre o papel do antropólogo em contextos de luta pela defesa do patrimônio a partir de referências do campo da antropologia.

## 1. Um território de paisagens plurais

O Bixiga é reconhecido por sua pluralidade étnica, por sua gastronomia e pela cena cultural vívida que floresceu nas franjas do primeiro núcleo urbano de São Paulo. Um território marcado por um particular relevo de ladeiras sinuosas, lapidadas pelo curso de rios que dialogam com as paredes curvas de sobrados e cortiços. Suas moradias, predominantemente horizontais, tornaram-se, um exemplo que destoa da paisagem geométrica e verticalizada que o modelo de urbanização do centro de São Paulo impôs.

Porém, nos últimos anos a ação da especulação imobiliária e o descaso do poder público tem promovido a dilapidação do Bixiga: destaque para o avanço das obras da Linha 6 do metrô<sup>4</sup> que se sobrepõem a áreas de tombamento<sup>5</sup> e de prédios que ilegalmente estão sendo construídos em áreas de nascentes de rios<sup>6</sup>. Cabe destacar ainda, o penoso

---

<sup>4</sup> Com previsão de conclusão das obras do metrô para 2025, estão sendo construídas duas estações, na altura da praça 14 Bis, e uma terceira estação na esquina da Avenida Brigadeiro Luís Antônio com a Rua Pedroso, com um dos acessos na Rua Treze de Maio, próximo à Praça Dom Orione. A Linha 6 – Laranja do Metrô de São Paulo contará com 15 estações, ligando Brasilândia a São Joaquim, onde fará conexão com a Linha 1 – Azul. Estão previstas conexões com a Linha 4 – Amarela e com as linhas 7 – Rubi e 8 – Diamante, da CPTM. Atualmente as obras estão sendo realizadas pelo grupo espanhol Acciona que junto a Alstom, formam o consórcio Linha Uni.

<sup>5</sup><https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/17/metro-de-sp-inicia-construcao-em-area-tombada-no-bixiga-sem-autorizacao-do-conpresp.ghtml>

<sup>6</sup><https://www.casaum.org/especulacao-imobiliaria-acelera-no-bixiga-durante-a-pandemia/>

veto do poder executivo da construção do que seria o primeiro parque para o bairro, o Parque do Bixiga<sup>7</sup>.

Diante desse cenário uma reação tem sido articulada pela comunidade na forma de um amplo arranjo de organizações sociais, que inclui associações de artistas, coletivos de moradores, organizações culturais, grupos teatrais, sindicatos, profissionais livres organizados e entidades estudantis.



Figura 1 - Área do centro de São Paulo com destaque para o distrito da Bela Vista. Fonte: Prefeitura de São Paulo.<sup>8</sup>

### *Três frentes de luta pelo território*

Nesse contexto atual de enfrentamento, três frentes têm se organizado no Bixiga no que diz respeito a suas estratégias de organização local:

<sup>7</sup><https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/14/prefeito-em-exercicio-tuma-veta-criacao-do-parque-bixiga.ghtml>

<sup>8</sup>Conferir:<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/index.php?p=36881>

- (1) Frente de luta pela criação do Parque do Bixiga e pela revitalização dos rios do território

*A luta pelo Parque do Bixiga destaca o fato do território abrigar inúmeros corpos d'água, como o rio Bixiga, o Saracura e o Itororó. Resgatando a memória deste como “caixa d'água de SP” que abrigou por muitos anos os principais bebedouros públicos da cidade de São Paulo. A principal pauta dessa mobilização está relacionada a proteção da interação entre patrimônio cultural e ambiental, procurando meios de revitalizar a relação da comunidade com os seus rios agora tamponados.*

- (2) Frente de articulação das organizações sociais do Bixiga, através de iniciativa chamada de Rede Social Bela Vista<sup>9</sup>

*A Rede Social Bela Vista foi criada em 2005 e tornou-se um relevante espaço de articulação onde se encontram mensalmente lideranças das mais de quarenta organizações locais do Bixiga. A Rede é um nó articulado que oferece uma espécie de palco para que as organizações de todos os cantos do território falem entre si.*

- (3) Frente de luta pela preservação dos vestígios e da memória do Quilombo Saracura

*Movimento presente no Vale do Saracura, que fica na área de várzea do Bixiga e que surgiu neste ano de 2022 a partir da descoberta de vestígios materiais do Quilombo Saracura que remontam ao final do século XIX e início do XX. Os vestígios foram encontrados durante as escavações da obra da estação 14 Bis da linha laranja, e atualmente, tanto os artefatos encontrados*

---

<sup>9</sup> Criada em 2005 é uma complexa trama de mais de quarenta organizações do Bixiga que contempla organizações de cunho público e privado, que se reúnem mensalmente de forma virtual e/ou presencial. A entidade define seus objetivos da seguinte forma: “promover um modelo de desenvolvimento sustentável da região por meio da articulação e fortalecimento organizações sem fins lucrativos, governo e iniciativa privada para a mobilização de recursos financeiros, humanos e materiais em prol da comunidade local”.

quanto o nome da estação são objeto de disputa. A comunidade negra tem liderado esse processo através do movimento Saracura/Vai-Vai<sup>10</sup>

**Mas, porque é tão importante preservar o Bixiga?**



Figura 2 -Vale do Saracura por Vincenzo Pastore (atualmente, Praça 14 Bis). Fonte: Instituto Moreira Salles<sup>11</sup>

São muitas as razões que tornam esse território de São Paulo num espaço complexo e singular: a primeira delas é seu *rico fluxo populacional*, o Bixiga corresponde ao distrito com o maior adensamento urbano de São Paulo<sup>12</sup>. Com uma população de aproximadamente 69 mil habitantes distribuídos numa enxuta área de 2,60 quilômetros quadrados, superando bairros extremamente verticalizados como Moema, que distribui

---

<sup>10</sup> Sobre o surgimento desse movimento e o contexto do Quilombo Saracura para o território Bixiga, conferir o artigo publicado no portal UOL que assino junto a quatro colegas enquanto membros do GT de Pesquisa do Movimento Saracura/Vai-Vai. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniao/2022/07/17/luta-pelo-quilombo-saracura-e-opportunidade-de-fortalecer-futuro-negro-de-sp.htm>

<sup>11</sup> Conferir: <https://ims.com.br/?s=saracura>

<sup>12</sup> Dados de 2021, disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo demonstram que Moema distribui 83.368 habitantes numa área de 9 km<sup>2</sup> enquanto no Bela Vista temos 69.460 habitantes concentrados numa área de 2,60 km<sup>2</sup>.

seus 83 mil habitantes numa área de 9 quilômetros quadrados. Nesse sentido, esse território sempre representou um marco habitacional em escala horizontal na constituição da paisagem urbana da cidade.

Junto a este *adensamento*, o Bixiga traz dentro de si outra força de grande relevância, a da *preservação cultural*: em seu território abriga cerca de 1/4 de todo o patrimônio histórico tombado da cidade de SP<sup>13</sup>. Esses bens estão distribuídos pelas três grandes regiões que o subdividem: **a Grota do Bixiga** (próximo a Avenida Paulista), o **Morro dos Ingleses** (porção central mais elevada que culmina na rua 13 de maio) e a **Vila Iitororó** (que se localiza após a rua Rui Barbosa em direção ao centro de SP). As três regiões são articuladas através da atuação das organizações que compõem a Rede Social Bela Vista.

Outra interessante característica é sua particular geomorfologia que dialoga diretamente com a rica presença de rios na região. Os afloramentos de água pelas calçadas são parte do cotidiano de seus moradores.



Figura 3 - Trajeto do Rio Saracura que nasce na encosta próximo a avenida Paulista, atravessa o Bixiga e deságua no Rio Tietê (TERRA,2021, p.55)

<sup>13</sup> Dos quatro mil bens tombados pelo Conpresp em São Paulo, mais de 800 encontram-se no território do Bixiga. Para mais informações conferir lista geral de bens tombados na cidade: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_bens\\_tombados\\_pelo\\_Conpresp](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bens_tombados_pelo_Conpresp)

Do ponto de vista geográfico, o bairro apresenta uma topografia delimitada pelo espigão da Avenida Paulista do qual resulta um forte declive no qual se abrem longos braços dos cursos dos rios: **Saracura**, à esquerda (curso da atual Avenida Nove de Julho) e **Itororó**, à direita, (curso da atual Avenida 23 de maio), ambos culminando no **Vale do Anhangabaú**.

Tais condições de várzea da região tornaram os preços de sua ocupação historicamente mais baratos que as áreas do entorno do centro da cidade, atraindo fluxos populacionais mais empobrecidos. O modelo de ocupação urbana, por sua vez, *resultou num parcelamento inicial em lotes estreitos e compridos* que propiciaram as condições espaciais para a prefiguração de sobrados de uso misto, de casas comerciais, de casas culturais, de casas de terreiro, de casas de samba e das vilas (pequenas casas construídas em série com quintal compartilhado e/ou ruas internas com atividades sociais e culturais em comum).

Enfim, tais condições resultaram numa *forma, particular e criativa, de ocupação urbana não verticalizada, de reinvenção da topologia, adequando necessidades práticas ao desenho esculpido pelos rios*. O que faz do caso do Bixiga um exemplo de elevada importância para o registro de modelos alternativos de ocupação urbana com maior harmonia entre fatores naturais e artificiais.

Este patrimônio arquitetônico e os movimentos populacionais que nele habitam perfilam uma criativa *rede de saber-fazer* que cria e recria o território. Não por acaso, é marcado por seus cordões de samba, suas festas populares, suas celebrações de rua, suas manifestações religiosas, sua vida social e cultural intensa.

Porém, o momento é de preocupação e entre as lideranças comunitárias do Bixiga é grande o receio com o atual avanço da especulação imobiliária, o que tem ameaçado o patrimônio histórico e o seu modo de vida. Mas, essa é uma preocupação antiga e não é de hoje que estudos sistemáticos têm sido realizados com o objetivo de criar camadas de proteção ao Bixiga.

Esses estudos foram iniciados pela Cogep<sup>14</sup> na década de 70, depois pelo Igepac/SP<sup>15</sup> durante a década de 80 e alguns anos depois o Conpresp<sup>16</sup>, de forma unânime, aprovou a resolução n.11/90, que estabeleceu abertura do Processo de Tombamento n.1990-0.004.514-2. Desde então, todos os imóveis do Bixiga arrolados neste levantamento inicial ficaram sob jurisdição do Conpresp e do DPH<sup>17</sup>, nos termos do Artigo 21, da Lei n.10.032, de 1985, e assim, durante a década de 90, novos trabalhos de campo e pesquisa histórica foram realizados atualizando os dados iniciais do Igepac.

Quando da rediscussão do caso em 2001 para fins de encaminhamento do processo de tombamento, os estudos das décadas de 80 e 90, foram revisados e atualizados mais uma vez com novas pesquisas de campo e pesquisa histórica, empenhados pelos arquitetos: Clara Correia de d’Alembert, Ronaldo de Albuquerque Parente e Paulo César Gaioto Fernandes. Desse conjunto de estudos resultou a lista final presente na resolução de tombamento nº 22/2002.

## 2. Um campo sob ataque

Minha primeira aproximação com o Bixiga deu-se a partir de 2019 e logo que me instalei no bairro iniciei um processo autônomo de registro etnográfico. Caminhando por suas vias pude revisitar, por exemplo, os trajetos percorridos por Claude Lévi-Strauss<sup>18</sup> que ao residir numa casa alugada na rua Cincinato Braga, atravessava as ladeiras do Bixiga em direção ao centro, e a seu modo, *leu a paisagem* que experimentou:

Paralela à avenida Paulista, em nível um pouco inferior, a rua Cincinato Braga situava-se ainda nas elevações de onde, a alguma distância, descortinava-se o vasto panorama de um bairro em plena desordem. Eu perambulava com frequência por essa região, fascinado pelos contrastes entre construções muito modernas, avenidas ainda provincianas, colinas quase rústicas e uma parte da cidade que conservava um aspecto de

---

<sup>14</sup> Coordenadoria Geral de Planejamento

<sup>15</sup> Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo.

<sup>16</sup> Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

<sup>17</sup> Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo.

<sup>18</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009) antropólogo belga e fundador da antropologia estruturalista.



Chegando à residência onde Lévi-Strauss residia na altura do número 395, entre a rua Carlos Sampaio e a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, infelizmente, no lugar da casa térrea encontrei um prédio. Foi o primeiro sinal de muitos que demonstrariam os avanços imobiliários sobre a região.

Não se trata aqui, porém, de sustentar um olhar saudosista que procure congelar uma São Paulo do passado, mas de realizar um significativo exercício, o de pensar *com quais passados a cidade pretende manter no presente um vínculo ativo e com quais pretende desvencilhar-se*.

E São Paulo nesse momento, está empenhada num acelerado processo de destruição/preservação: no ano de 2021, temos um marco onde pela primeira vez na história da cidade existem mais apartamentos em seu território do que casas. Segundo dados do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) os apartamentos cresceram de 767 mil unidades no ano 2000 para 1,38 milhão em 2020, um salto de 80% no período<sup>19</sup>.

Localizado entre a Avenida Paulista e o centro velho da cidade, o Bixiga não passa incólume a esse momento e tem sido tema nos jornais sobre o tema da especulação imobiliária<sup>20</sup>. Nesse sentido, o Bixiga como território detentor de traçados urbanos dos primeiros tempos da cidade parece guardar algo a dizer sobre São Paulo, algo de sua boêmia noturna, de sua vida cultural, de seus migrantes e imigrantes<sup>21</sup> e, conseqüentemente, sua destruição pode dizer algo sobre como a cidade quer falar sobre si no futuro.

E na medida em que aprofundei minha inserção no Bixiga foram se ampliando os registros dos conflitos do território. Em 2019, em uma das reuniões da Rede Social Bela

---

<sup>19</sup> Para informações sobre o processo de consolidação do modelo vertical de vida em São Paulo, conferir: <https://jornal.unesp.br/2022/02/01/verticalizacao-acelera-e-sao-paulo-ja-possui-mais-apartamentos-do-que-casas/>

<sup>20</sup> Sobre a onda de especulação imobiliária no Bixiga, conferir: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/07/16/reduto-do-samba-bixiga-enfrenta-a-quarta-onda-de-especulacao-imobiliaria.htm>

<sup>21</sup> Sobre como o Bixiga é suporte para construir um tipo de imagem sobre a capital paulista, conferir: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/mistura-paulista/noticia/2022/06/25/historia-cultural-e-boemia-conheca-a-bela-vista-regiao-no-centro-de-sao-paulo-onde-o-antigo-e-o-moderno-se-misturam.ghtml>

Vista, foi relatado por uma moradora o caso de uma obra que tencionava construir torres residenciais por sobre a nascente do Rio Saracura no encontro entre as Ruas Dr. Seng e Rua Rocha.

O desdobramento da denúncia resultou na criação de um arranjo comunitário denominado Coletivo Salve Saracura<sup>22</sup>. O movimento cresceu e buscou fazer frente ao crescimento do número de obras que geralmente são realizadas durante a calada da noite utilizando do expediente do *demolir primeiro, legalizar depois*, se instalando prioritariamente em áreas de nascentes de rios que compõem a região.

Já no final de 2019, diante da situação foi apresentado uma denúncia junto ao Ministério Público, bem como, a órgãos do executivo e do legislativo alertando sobre o avanço das obras. O material foi posteriormente apresentado aos demais moradores do bairro em reunião que marcou a aliança do Coletivo com a escola de samba Vai-Vai<sup>23</sup>.

O encontro mobilizou os moradores do Bixiga e foi iniciado por um cortejo que teve início na nascente do rio Saracura (Rua Garcia Fernandes) e que seguiu seu curso até a sede da escola de samba Vai-Vai (Rua São Vicente). Durante o trajeto, o rio foi representado por um longo tecido azul com mais de 10 metros de comprimento (em detalhe no fundo da foto abaixo) que foi cedido pela Companhia Teatro Oficina<sup>24</sup>, tendo sido anteriormente utilizado como a representação do *mar* na peça *Os Sertões*<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> O coletivo desde então tem se reunido de forma itinerante em casas de moradores e sedes de instituições locais, elaborando importantes documentos que registram a memória dos moradores sobre a presença dos rios na região antes de seu tamponamento.

<sup>23</sup> O Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai é uma tradicional agremiação do território do Bixiga, sendo uma das mais tradicionais do Carnaval Brasileiro e a maior campeã do Carnaval de São Paulo.

<sup>24</sup> Companhia de teatro fundada em 1958 e denominada Associação Teatro Oficina Uzyna Uzona, localizada na rua Jaceguai, no Bixiga.

<sup>25</sup> Os Sertões: A Terra, encenação teatral realizada a partir do livro do escritor Euclides da Cunha, que estreou em 2002, com direção de José Celso Martinez Corrêa.



*Figura 4 - Detalhe do estandarte do Coletivo Salve Saracura que foi bordado por uma de suas componentes, representando a ave Saracura presente no território quando da época do rio ainda aflorado. Na parte de trás uma das bandeiras da escola de samba Vai-Vai com a representação da mesma ave. Fonte: Coletivo Salve Saracura*



*Figura 5 - Detalhe do encontro promovido pelo Coletivo Salve Saracura denunciando as obras em áreas de nascente na região. O encontro foi realizado na quadra da escola de samba Vai-Vai. Fonte: Coletivo Salve Saracura*

Um dos primeiros efeitos das obras da linha 6 – Laranja do Metrô foi a destruição da sede da Vai-Vai<sup>26</sup>, que aparece na foto acima, no lugar está sendo realizada a construção da estação 14 - Bis.

Porém, neste ano, as descobertas de vestígios do Quilombo Saracura no local provocaram uma forte resposta. Tal reação tem sido protagonizada pela comunidade negra que tem articulado uma agenda de atividades que alertam para a necessidade de preservação dos achados, da alteração do nome de *Estação 14 - Bis* para *Saracura/Vai-Vai* e por uma política de educação patrimonial no local.

Abaixo registros de manifestação em frente as obras do metrô que exige a preservação dos achados do Quilombo Saracura. Ao fundo, pode se notar o cordão de mais de 100 policiais (em coletes amarelos) que foram mobilizados para a atividade pacífica que foi realizada.



*Figura 6 - Bloco Ilú Obá De Min se apresenta durante ato organizado pelo movimento Mobiliza Saracura/Vai-Vai. Registro em 02 de julho de 2022.*

---

<sup>26</sup> O Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai é uma tradicional agremiação do território do Bixiga, sendo uma das mais tradicionais do Carnaval Brasileiro e a maior campeã do Carnaval de São Paulo.

### 3. Percursos antropológicos no campo do patrimônio

As políticas de defesa do patrimônio têm papel central para a preservação de rituais, de modos de vida, de paisagens históricas e da permanência de populações locais.

Neste contexto, desde a redemocratização do Brasil, o instrumental antropológico tem sido mobilizado a colocar em funcionamento ferramentas capazes de identificar de que modo, certo *suporte material permanente e/ou apropriações e manifestações imateriais*, permitem assegurar a reprodução de uma *determinada regularidade culturalmente singular*.

*Mas, em geral, as políticas de preservação são resultado de processos intensos de conflito, em que grupos se organizam para lutar pelo reconhecimento de sua história num quadro de negociação de narrativas mais amplo.* Sendo assim, bens, memórias e tradições das comunidades locais têm de disputar espaço com narrativas da história oficial e com os parâmetros previstos por legislações de ordenamento urbano.

Tais cenários de disputa, materiais e imateriais, de certo modo, qualificam a *posição do antropólogo* na colaboração de um processo de tombamento podendo demarcar com maior rigor as necessidades de preservação de determinado *bem* ou *prática* para a manutenção de certa *manifestação cultural*.

E nesse campo são muitas as formas de relação de antropólogos com a agenda do patrimônio público, seja na promoção de debates, na realização de consultoria em instituições governamentais, como membro de conselhos consultivos de patrimônio ou educador dessa especialidade.

Nesse sentido, exemplos interessantes de *documentações produzidas por antropólogos*, num contexto de tombamento merecem destaque, o texto *O Lazer na Cidade*<sup>27</sup> de José Guilherme Cantor Magnani<sup>28</sup> (processo referente ao Parque do Povo no ano de 1994) e o texto *O tombamento de um terreiro de candomblé em São Paulo*<sup>29</sup> de

---

<sup>27</sup> MAGNANI, J. G. C. O lazer na cidade. Disponível em: <https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/lazernacidade.pdf>

<sup>28</sup> Professor titular do Departamento de Antropologia da FFLCH-USP, com ênfase em Antropologia Urbana. É coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (NAU/USP) e da revista eletrônica do NAU, a Ponto.Urbe.

<sup>29</sup> AMARAL, Rita “O tombamento de um terreiro de candomblé em São Paulo”. In: Comunicações do Iser: Rio de Janeiro, v. 41, 1991. Disponível em: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/A\\_autores/AMARAL\\_Rita\\_tit\\_Tombamento\\_de\\_um\\_terreiro\\_de\\_Candomble\\_em\\_Sao\\_Paulo-O.pdf](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/A_autores/AMARAL_Rita_tit_Tombamento_de_um_terreiro_de_Candomble_em_Sao_Paulo-O.pdf)

Rita Amaral<sup>30</sup> (processo de tombamento do Axé Ilê Obá, terreiro de candomblé de nação ketu no ano de 1991).

Importante citar ainda a *atuação de antropólogos como consultores e/ou membros junto a órgãos representativos voltados a defesa e promoção de políticas de tombamento*. Exemplos como, do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani no processo de tombamento no caso da cidade de Santana do Parnaíba<sup>31</sup>, em 1984, junto ao Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo), da atuação também em 1984 do antropólogo Gilberto Velho<sup>32</sup> como membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, quando teve decisiva participação na promoção de tombamentos, como no caso do terreiro de candomblé, Casa Branca, Bahia<sup>33</sup> e, por fim, do antropólogo Heitor Frúgoli Jr.<sup>34</sup>, como membro e relator de diversos processos de tombamento no colegiado do Condephaat, órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo<sup>35</sup>.

### ***O patrimônio como dimensão negociada***

Mas, a incorporação do termo patrimônio merece aqui maior especificação e para isso, mobiliza-se o antropólogo Antonio Augusto Arantes Neto. Arantes apresenta a dimensão do patrimônio como instância de luta, negociação de caráter transformador, onde o ato de preservar é um movimento ativo de releitura que *promove uma reflexão sobre que tipo de passado se constrói a partir de uma leitura do presente*.

---

<sup>30</sup> Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral (1958 - 2011) antropóloga e pesquisadora-orientadora do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo.

<sup>31</sup> MAGNANI, J. G. C. Santana do Parnaíba: Memória e Cotidiano. Coletânea Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas, org. Abreu, R.; Chagas, M. e Santos, M. Rio de Janeiro, Garamond Universitária/ IPHAN, 2007. Disponível em: [https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/santana\\_parnaiba.pdf](https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/santana_parnaiba.pdf)

<sup>32</sup> Professor titular e decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ

<sup>33</sup> VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. Mana. Museu Nacional, vol 12, nº 1, 2006. p.237-247. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/NtsgyP5DLx9P867hBBhv3xh/?lang=pt>

<sup>34</sup> Professor do Departamento de Antropologia da USP e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC/USP).

<sup>35</sup> FRÚGOLI JR, H. Patrimônio cultural e antropologia das cidades. Revista Óculo. nº2, 2018. p-37-47. Disponível em: [http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/24/Revista\\_Oculo2\\_%20pdf\\_mai2019.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/24/Revista_Oculo2_%20pdf_mai2019.pdf)

Nesse sentido, a chamada ‘preservação’ deve ser pensada como trabalho transformador e seletivo de reconstrução e destruição do passado, que é realizado no presente e nos termos do presente. No esquecimento ou na lembrança, em cada uma das diversas estratégias de restauro, monitoramento e reaproveitamento de velhas estruturas, ou na destruição, reencontra-se sempre o passado reinterpretado (ARANTES, Antonio, 1984, p.9)

E é dentro desta dimensão conflituosa que, eventualmente, se chocam organizações comunitárias, os órgãos do Estado e forças do capital privado. Desses conflitos podem, por vezes, ensejar políticas de patrimônio que colaborem para o desenvolvimento econômico local e/ou para a consolidação de identidades culturais.

E, por sua vez, essas disputas podem resultar ainda em possibilidades, na qual o patrimônio reivindicado por um grupo social se torna poderoso instrumento para delinear de forma mais clara noções abstratas como *comunidade e território*. No caso do Bixiga, a definição da identidade do território está em constante disputa com agentes externos, mas também internamente, onde dentro da própria comunidade é concomitantemente definido como *território negro, bairro italiano ou território-água*.

## Conclusão

De um modo mais geral, o texto buscou apresentar a partir de reflexões de uma pesquisa em andamento, um breve esboço das atuais condições de luta e das características gerais do modo de vida comunitário do Bixiga.

Procurou ainda, refletir sobre como os processos de tombamento e/ou de salvaguarda de bens em territórios já tombados são permeados por conflitos políticos e econômicos que impõem interesses por sobre comunidades locais e órgãos de proteção ao patrimônio.

Em um plano mais específico, espera colaborar para o estímulo a investigação sobre quais instrumentos podem ser mobilizados por antropólogos para colaborar em processos de tombamento e salvaguarda de patrimônios.

Considera-se, por fim, que o estudo do caso do Bixiga é emblemático para a cidade de SP, na medida em que suas habitações coletivas, bem como sua geomorfologia, esculpida por agentes humanos e não-humanos são um dado histórico que denota uma

forma, particular e criativa, de ocupação não verticalizada a poucos passos da Avenida Paulista.

O Bixiga, enfim, como encruzilhada cravada no centro de SP, terra de várzea, lugar de resistência e de encontro de fluxos migrantes que perfilam o mosaico multiétnico da cidade.

## Referencial Bibliográfico

ABREU, Regina. 2005. Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 2: 37-52.

ARANTES, Antonio Augusto (org.) 1984. *Produzindo o Passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artista e Turístico – CONDEPHAAT).

CASTRO, Márcio Sampaio de. 2006. *Bexiga: Um bairro Afro-Italiano: comunicação, cultura e construção de identidade étnica*. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes [Dissertação de Mestrado].  
C MARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 2017. Projeto de Lei sobre a criação do Parque do Bixiga. Disponível em: <https://medium.com/@parquedobixiga/projeto-de-lei-805-2017-parque-do-bixiga-fa3b7b9bf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2020.

COTRIM, Luciana. 2015. Saracura, Yorubá, Bixiga: vai, vai para a Memória. Disponível em: <https://spcity.com.br/saracura-yoruba-bixiga-vai-vai-memoria/>. 2015. Acesso em: 05 de dezembro de 2020

GERALDO FILME. *Tradição*. São Paulo: Gravadora Eldorado. Duração: 2 minutos e 48 segundos

GIANOTTO, Joice Chimati. 2016. *Fedora e o Bixiga: projetos e planos para o bairro paulistano*. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2033/S33-01-GIANNOTTO,%20J.pdf>. Acesso em: 06 de janeiro de 2020.

JEHÁ, Regina. 1971. *Bexiga, Ano Zero*. Curta-metragem, 35mm, COR, 10min56seg, São Paulo.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2009. *Saudades de São Paulo*. Tradução de Paulo Neves; projeto gráfico M.A.S; organização Ricardo Mendes. São Paulo: Companhia das Letras.



MAIA, Francisco Prestes. 1930. Estudos de um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo. São Paulo: Melhoramentos.

MARZOLA, Nádía. 1979. Bela Vista: história dos bairros de São Paulo. Volume 15. [série do Departamento do Patrimônio Histórico – Divisão do Arquivo Histórico da secretaria municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo].

OLIVEIRA, Abrahão de. 2017. Um rio escondido em SP: O saracura. Disponível em: <http://www.saopauloinfoco.com.br/corrego-saracura/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

PATERNIANI, Stella Zagatto. 2019. São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia. Orientadora Antonádia Borges. Brasília. 342 p. (Tese Doutorado)

PONCIANO, Levino. 2002. Bairros paulistanos de A a Z. São Paulo: Editora Senac, São Paulo.

ROLNIK, Raquel. 2007. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, R. (org.), Diversidade, espaço e relações étnico-raciais, o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica.

SILVA, Adriana de Oliveira; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. 2014. Bixiga em Artes e Ofícios. São Paulo: EDUSP.

SÃO PAULO (CIDADE). Resolução nº 22/2002. Dispõe sobre o tombamento de imóveis no Distrito da Bela Vista. Diário Oficial da Cidade, 14 dez. 2002. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-conselho-municipal-de-preservacao-do-patrimonio-historico-cultural-e-ambiental-da-cidade-de-sao-paulo-conpresp-22-de-13-de-dezembro-de-2002/detalhe>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

SCHNECK, Sheila. 2016. Bexiga: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906 - 1931). 2016. (Tese Doutorado) – Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-01092016-155844/pt-br.php>. Acesso em: 14 de maio de 2020.

TERRA, Adriana Casarotto. 2021. Entre centro e periferia: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga (Dissertação Mestrado) Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-08022021-171359/publico/EntreCentroePeriferiaVersaoCorrigida.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

VELHO, Gilberto. 2006. Patrimônio, negociação e conflito. Mana 12(1): 237-248. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/NtsgyP5DLx9P867hBBhv3xh/?lang=pt#>. Acesso em: 14 de abril de 2021.

VERCELLI, Giulia. 2018. Reinventar para preservar. O histórico Bairro do “Bexiga” na contemporaneidade. Orientadora Regina Andrade Tirello. Campinas, SP. (Dissertação Mestrado).

YAMATO, Newton Massafumi; PARMA, Tânia Regina; SCHUTZER, José Guilherme. 2014. A Preservação de Nascentes em áreas urbanas consolidadas: Microáreas de Proteção Ambiental como instrumento urbanístico para um zoneamento ambiental do solo urbano. APP Urbana. Disponível em: <http://anpur.org.br/app-urbana-2014/anais/ARQUIVOS/GT4-163-25-20140517111642.pdf>. Acesso em: 19 de dezembro de 2019.